

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A lateral em coda em diferentes variedades do português: um estudo de revisão

Ana Clara Carvalho, Gabriel Gregório, Pedro Henrique Sousa dos Santos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18042>

Submetido em: 2026-09-11

Postado em: 2026-10-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A LATERAL EM CODA EM DIFERENTES VARIEDADES DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO DE REVISÃO

THE LATERAL IN CODA IN DIFFERENT VARIETIES OF PORTUGUESE: A REVIEW STUDY

Tipo de Contribuição

Revisão de Literatura.

Ana Clara Orrico Carvalho

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID:

<https://orcid.org/0009-0004-8100-5563>

Gabriel Magalhães da Silva Gregório

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID:

<https://orcid.org/0009-0008-3973-7946>

Pedro Henrique Sousa dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID:

<https://orcid.org/0000-0001-7069-275X>

RESUMO: Este artigo apresenta uma revisão sistemática de literatura sobre a variação da consoante lateral /l/ em posição de coda silábica em diferentes variedades do português — brasileira, europeia e africanas (São Tomé, Príncipe e Moçambique). A partir de buscas no Google Acadêmico, foram selecionados 14 estudos, analisados à luz da Sociolinguística Variacionista, com atenção especial ao papel do contato linguístico no condicionamento das variantes. Os resultados sugerem que o português brasileiro se encontra em estágio avançado de mudança rumo à semivocalização, especialmente nas capitais e regiões urbanas, enquanto comunidades de colonização europeia ou de contato fronteiriço com o espanhol tendem a preservar traços consonantais. No português europeu, a velarização predomina, mas há evidências de semivocalização restrita. Nas variedades africanas, observam-se trajetórias distintas: em São Tomé e Príncipe, o contato com crioulos de base lexical portuguesa favorece o apagamento, ao passo que em Moçambique, marcado pelo contato com línguas Bantu, prevalece a variante alveolar. O estudo discute limitações metodológicas relativas à heterogeneidade amostral entre os trabalhos revisados e aponta a necessidade de pesquisas futuras, sobretudo sobre variedades africanas ainda pouco investigadas, para uma compreensão mais ampla do fenômeno no espaço lusófono.

PALAVRAS-CHAVE: Lateral. Coda silábica. Sociolinguística. Português. Contato linguístico.

ABSTRACT: The current paper presents a systematic literature review about the variation in the lateral consonant /l/ in syllabic coda position in different varieties of Portuguese — Brazilian, European, and African (São Tomé, Príncipe, and Mozambique). Through searching in Google Scholar, fourteen studies were selected, all of which were analyzed considering Variationist Sociolinguistics' theoretical foundations, with special focus on the role of linguistic contact in the conditioning of the variants. The results suggest that Brazilian Portuguese is in the late stage of change towards the semivocalization, especially in capitals and urban regions, while communities colonized by Europeans or bordering Spanish-speaking regions tend to

preserve the consonantal features. In European Portuguese, the velarization stands out, but there is evidence of semivocalization in certain cases. In African varieties, there are different trajectories: in São Tomé and Príncipe, the contact with Portuguese lexicon-based creoles favors the deletion of the segment, while in Mozambique, a country marked by contact with Bantu languages, the alveolar variant prevails. The current study discusses methodological limitations relative to the sample heterogeneity of the revised papers and points to the need of more research on the topic, especially about African varieties under-investigated, in order to deepen the comprehension of the phenomenon in the Lusophone context.

KEYWORDS: Lateral. Syllabic coda. Sociolinguistics. Portuguese. Language contact.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: Este trabalho investiga como o som da letra “l” no final de sílabas (como em “sal” ou “mal”) é pronunciado de formas diferentes no português falado no Brasil, em Portugal e em países africanos como São Tomé, Príncipe e Moçambique. Reunindo e comparando quinze pesquisas já publicadas sobre o tema, buscou-se entender por que essa pronúncia muda tanto de um lugar para outro. Os resultados mostram que, no Brasil, esse “l” está passando a soar mais como um “u” (como em “sal” pronunciado quase como “sau”), principalmente nas grandes cidades, enquanto em áreas de colonização europeia ou próximas à fronteira com países de língua espanhola essa mudança é mais lenta. Em Portugal, o som costuma ser mais próximo da consoante original, embora também existam sinais da mudança para o “u” em alguns lugares. Já nos países africanos, o contato com outras línguas locais leva a outros rumos: em São Tomé e Príncipe, esse som tende a desaparecer, enquanto em Moçambique ele se mantém mais parecido com um “l” comum. O estudo também aponta que ainda faltam pesquisas sobre as variedades africanas, sendo necessário investigar mais esse tema no futuro.

Introdução

A coda silábica é uma das posições na sílaba com maior possibilidade de variação. Conforme Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), ao contrário do *onset* e do núcleo da sílaba, a coda apresenta uma debilidade, de forma que seu licenciamento de elementos se restringe às consoantes líquidas /l, r/, à nasal /N/, à fricativa coronal /s/ e aos glides. Justamente por isso, efeitos de contato linguístico (Schuchardt, 1881) podem recair principalmente nessa posição — o *onset*, por sua vez, tem um papel mais privilegiado, pois tem sido associado à discriminação de palavras no léxico (Sun; Poeppel, 2023).

Dentre os segmentos que ocorrem em coda, o caso da consoante lateral /l/ tem sido enfocado significativamente nos últimos 30 anos, em especial porque sua distribuição ao longo das variedades do português mais estudadas (Europeu, São Tomé e Príncipe e, mais expressamente, Brasil) tem sido condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Em termos articulatórios, as consoantes laterais do português caracterizam-se pela coordenação entre os gestos da lâmina e do corpo da língua, cuja dinâmica espaço-temporal se ajusta conforme a posição do segmento na estrutura silábica. Evidência dessa flexibilidade gestual é a perda do gesto laminar nas consoantes alveolares em posição de coda, fenômeno que propicia a semivocalização [w] (Barbosa; Madureira, 2015). Sob a perspectiva acústica, por serem majoritariamente vozeadas e ressoarem num tubo acústico de constrição livre, isto é, sem a ocorrência de oclusão ou ruído de fricção, o padrão espectral das laterais aproxima-se do vocálico. Assim, podem ser enquadradas no grupo das aproximantes, em que se destacam por uma estrutura formântica característica, marcada pela transição e trajetória contínua dos formantes em relação às vogais adjacentes (Cristófaró Silva *et al.*, 2019).

Para além dessa caracterização fonético-acústica, estudos sociolinguísticos (Labov, 2008 [1972]) vêm desvelando uma realidade mais complexa para a lateral na posição de coda: em diferentes variedades do português, ela pode ser realizada como uma consoante alveolar [l], como uma consoante velarizada [ɫ], como tepe [r], como uma consoante glotal [h], ser semivocalizada [w] ou até mesmo foneticamente nula [Ø]. No português brasileiro, a semivocalização mostra-se como a realização mais frequente na maior parte do território, sendo seu uso praticamente categórico em diferentes variedades nacionais. Uma proposta fonológica clássica, baseada nesses dados, usa a teoria da Geometria de Traços para explicar o processo de mudança (Quednau, 1993): primeiro, aconteceria a velarização da consoante pelo ganho do traço de ponto de articulação vocálico [dorsal] junto ao traço de ponto de articulação consonantal [coronal] (ou seja, acontece o ganho de uma articulação secundária); a

semivocalização, por sua vez, aconteceria depois, pela perda do ponto de articulação consonantal, restando apenas a articulação da semivocalização na representação de traços. Nesse sentido, o português brasileiro estaria, em geral, no final do processo, pois a maior parte da sua população semivocaliza a consoante lateral /l/ na posição de coda silábica.

Contudo, a escolha por uma ou outra variante não é aleatória: fatores como região, escolaridade, sexo/gênero, faixa etária, contexto fonético precedente e tonicidade atuam de modo interdependente e condicionam o uso linguístico variável. Neste artigo, pretende-se sistematizar a variação da lateral em coda e entender quais são esses fatores que restringem cada uma das variantes conhecidas, com especial atenção para o contato linguístico. Para isso, foi feita uma revisão sistemática de literatura no Google Acadêmico — plataforma de busca de artigos nas mais diversas áreas do conhecimento — buscando os principais trabalhos das variedades do português falado em África, do Brasil e de Portugal acerca da variação na lateral pós-vocálica.

A revisão sistemática se configura como um método robusto para congregar a literatura científica realizada ao longo de um intervalo temporal definido e entender o que se sabe sobre o tema e as lacunas ainda existentes para se entender o fenômeno de modo mais completo (Vosgerau; Romanowski, 2014). Ao contrário de revisões assistemáticas, como a narrativa e a integrativa, a revisão sistemática destaca-se pela busca reprodutível em plataformas acessíveis a outros pesquisadores, facilitando o trabalho científico e não restringindo os trabalhos incluídos àqueles encontrados ao acaso pelo(s) pesquisador(es) responsável(is). Nesta pesquisa, em especial, a revisão sistemática se faz necessária para entender, de um modo mais amplo, como é a distribuição do uso das variantes pelas variedades do português faladas em território brasileiro, europeu e africano, e como o contato linguístico pode ter impactado no maior uso de determinada(s) variante(s). Além disso, a revisão sistemática pode revelar lacunas importantes na área, contribuindo para análises futuras e construindo um panorama sobre como a lateral em coda se comporta no português e os fatores que condicionam seu uso.

1. Metodologia

A presente pesquisa de revisão bibliográfica utilizou a plataforma Google Acadêmico para buscar trabalhos que se debruçassem sobre a lateral em posição de coda silábica nas variedades do português em Portugal, Brasil, Moçambique e São Tomé e Príncipe a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008[1972]). Para abranger o máximo de trabalhos possível, foram escolhidos os descritores: "vocalização" AND "velar" OR

"velarização" AND "sociolinguística" AND "português". Como resultado, foram encontrados 311 trabalhos, os quais foram filtrados conforme os objetivos desta pesquisa. A busca ocorreu em junho de 2026. Os critérios para remoção dos trabalhos foram: (1) ser a versão estendida do mesmo trabalho; (2) não se referir a uma variedade do português; (3) não ser da vertente sociolinguística ou da geolinguística; (4) falar de outros fenômenos (ex.: lateral palatal, vogais em coda, lateral em posição de ataque etc.); ou (5) ser uma revisão de outros trabalhos.

Após a análise de títulos e resumos de trabalhos buscados no Google Acadêmico, considerando o estudo da lateral em posição de coda, a envergadura sociolinguística da pesquisa e a apresentação de dados quantitativos sobre o uso das variantes e seus condicionamentos linguísticos, selecionaram-se catorze estudos para comparação sistemática.

2. Resultados e discussão

Este trabalho investigou as tendências sociolinguísticas da variação da lateral em posição de coda nas diversas variedades do português, por meio de uma revisão sistemática da literatura. Os catorze estudos selecionados para revisão após a análise estão dispostos no Quadro 1.

Estudo	Variedade	Região (amostra)	N.º inform.
Quednau (1993)	PB	Rio Grande do Sul (VARISUL, 1980)	28
Leite, Callou e Moraes (2007)	PE	Lisboa (CRPC-Lisboa, 1988)	x
Brod (2010)	PB	Santo Antônio de Lisboa, SC (própria)	8
Hora, Pedrosa e Cardoso (2010)	PB	Variedades da Paraíba (própria)	x
Pinho e Margotti (2010)	PB	Capitais do Brasil (ALiB)	200
Nedel e Quednau (2013)	PB	Lages, Santa Catarina (VARISUL, 1990)	16

Estudo	Variedade	Região (amostra)	N.º inform.
Battisti e Moraes (2016)	PB	Rio Grande do Sul – Flores da Cunha (VAR SUL 1990 e BDSer 2008-2009)	24 (12 de cada amostra)
Santos e Silva Neto (2019)	PB	Rio Grande do Sul – São Borja, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul e São José do Norte (ALiB)	16 (4 de cada cidade)
Santos e Mota (2020)	PB	Várias comunidades na Bahia (uma amostra regional rural e outra urbana)	36 (12 da amostra rural)
Silva, Borghelott e Andrade (2020)	PB	Paraná – Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos (própria)	24 (8 de cada cidade)
Brandão (2021)	São Tomé/ Moçambique	São Tomé e Maputo (Projeto Vapor - Universidade de Lisboa; Corpus Moçambique)	35 (17 - São Tomé; 18 - Maputo)
Balduino, Vieira e Agostinho (2023)	Principense	Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe (Informa que foi coletada na cidade de Santo Antônio do Príncipe em 2019)	6
Balduino, Freitas e Bandeira (2025)	São Tomé	São Tomé, São Tomé e Príncipe (Informa que foi coletada na cidade de São Tomé em 2019)	6
Borghelott, Silva e Brisolara (2025)	PB	Francisco Beltrão, Paraná (própria)	14

Quadro 1. Estudos selecionados para a revisão

Fonte: os autores (2026).

Legenda: Marcações com X referem-se a informações ausentes na pesquisa selecionada.

É importante ressaltar que, ao se realizar uma revisão sistemática, coletam-se diversos estudos que, muitas vezes, assumem metodologias e estratificações distintas. Dessa forma, apesar de convergências nos métodos de análise, também são encontradas barreiras que podem dificultar uma comparação direta entre tais trabalhos.

A primeira barreira se apresenta no número de participantes por amostra. Sendo algumas pesquisas de caráter geolinguístico, como Pinho e Margotti (2010), o número de participantes se torna discrepante: para esta, 200 participantes, enquanto pesquisas com o português falado em São Tomé, por exemplo, contavam com apenas 6 participantes (Balduino; Freitas; Bandeira, 2025). Além disso, a natureza da amostra aparece como um segundo efeito (que está por trás do número de participantes): sendo algumas amostras do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), e outras sendo entrevistas geolinguísticas de nomeação de figuras, o estilo de fala analisado em cada pesquisa é qualitativamente diferente e, por isso, se coloca como um limitador nas comparações realizadas. Uma terceira assimetria se mostra na quantidade de trabalhos disponíveis para cada variedade do português: para o Português Brasileiro, foram encontrados dez trabalhos, enquanto para o Português Europeu, apenas um (Leite; Callou; Moraes, 2007). Mesmo diante desse cenário de limitações na presente revisão, possíveis convergências que aparecem podem também ser indícios de uma consistência no português sobre os fatores que estão condicionando o uso da lateral na posição de coda.

Antes de fazer a comparação entre as variedades, foi feita uma análise dos trabalhos segmentados por variedade: o português brasileiro, o português falado em África e o português europeu. Com isso, pretende-se atenuar o efeito limitador da diferença no número de trabalhos por variedade, já que a análise dentro de uma variedade almeja buscar generalizações que podem ser comparadas às generalizações retiradas da análise de trabalhos de outras variedades. Nesse sentido, as subseções seguintes fazem a análise individual para, na subseção final, buscarem-se comparações entre as variedades, com foco especial no contato linguístico como propulsor ou repulsor de variantes da lateral.

3.1 Português Brasileiro

No português brasileiro, a variação na lateral em posição de coda tem sido estudada dentro da geo/sociolinguística por estar em processo avançado de mudança como uma regra telescópica (Quednau, 1993), isto é, desenvolvendo um caminho previsível de mudança. Postula-se que, no estágio inicial da mudança, o /l/ é realizado como [l] em coda, mantendo seus traços consonantais de lateral. Com o tempo, porém, devido à debilidade da posição de

coda, a segunda articulação faz com que a realização seja de forma velar, [ɮ], e, por fim, ela perde totalmente os traços consonantais, que é quando a pronúncia é semivocalizada, [w].

Dentro do sistema linguístico, considerado como uma heterogeneidade ordenada (Labov, [2008]1972), há fatores que favorecem e desfavorecem esse processo de mudança na lateral em coda e que vêm sendo desvelados por pesquisas na área (Brod, 2010; Nedel; Quednau, 2013; Battisti; Morais, 2016; Silva; Borghelott; Andrade, 2020 e outros). Dentro do contexto silábico, a presença antecedente de vogais anteriores tende a favorecer a semivocalização, enquanto vogais posteriores tendem a desfavorecê-la, com especial destaque para o /u/. Nesse sentido, a lateral pós-vocálica em “calda” e “delta” tende a ser semivocalizada, [ˈkaw.dɐ] e [ˈdɛw.tɐ], enquanto “sul” e “moldar” tendem à velarização, [ˈsuɮ] e [moɮˈdah] — em determinadas variedades, também há casos de apagamento em palavras similares a “sul” (Pinho; Margotti, 2010). Concomitantemente, a posição da sílaba interfere na variação, mas de modo variável: em alguns trabalhos, a posição final da palavra favorece a semivocalização (Brod, 2010; Santos; Mota, 2020), em outros desfavorece (Quednau, 1993; Nedel; Quednau, 2013; Borghelott; Silva; Brisolara, 2025). A tonicidade da palavra também atua nesse processo, de modo que sílabas com núcleo tônico favorecem a manutenção da variante velar, enquanto sílabas átonas favorecem a variante semivocalizada (Nedel; Quednau, 2013; Battisti; Morais, 2016) ou o apagamento (Brod, 2010).

Porém, fatores sociais também atuam no favorecimento de determinadas variantes. Nesse âmbito, o fator regional destaca-se pelo elevado nível de significância nos trabalhos, visto que, na maior parte do país, a mudança se encontra em estágio avançado de implementação, dada a forte tendência do fonema /l/ em posição de coda à semivocalização. Ao analisarem as capitais brasileiras, Pinho e Margotti (2010) reportam que 88% das realizações desse fonema são semivocalizadas no contexto citado. Esse percentual de 12% resistentes à mudança decorre, em grande medida, da utilização da lateral velarizada na região Sul do Brasil.

Essa tendência foi registrada ainda no século passado, quando Quednau (1993) usou dados do *corpus* VARSUL para avaliar o processo de variação e mudança no Rio Grande do Sul, mostrando 55% de uso da variante velarizada, [ɮ], em comparação à forma vocalizada, [w], com 45%. Os fatores de contato linguístico, segundo a autora, parecem estar por trás da preferência por uma ou outra variável: residir na região metropolitana de Porto Alegre condiciona fortemente a semivocalização, enquanto a residência nas regiões fronteiriças e de colonização alemã e italiana (Taquara, Monte Bérico/Veranópolis e Santana do Livramento) favorece a velarização. Nesse sentido, desde cedo, as pesquisas já apontavam para um possível

efeito do contato com outras línguas, dado que falantes de regiões de colonização alemã/italiana ou de regiões fronteiriças desfavorecem a semivocalização.

Pesquisas mais recentes têm confirmado esse efeito da divisão regional e do contato. Battisti e Morais (2016) utilizaram dados do VARSUL de Flores da Cunha e do banco de dados BDSer da Serra Gaúcha da mesma região e identificaram 12% de uso da variante semivocalizada para a primeira amostra e 77% para a segunda, o que as autoras atribuem a um efeito da zona urbana para favorecer a variante semivocalizada, assim como a falantes mais jovens, que tendem a migrar para trabalhar no terceiro setor da economia nessas zonas. Dados do ALiB mostram que essa tendência à semivocalização tem se espalhado a outras cidades: São Borja, Passo Fundo, Santa Cruz do Sul e São José do Norte (84% de uso; Santos; Silva Neto, 2019).

Mesmo em regiões com alto fluxo populacional, como Florianópolis (SC), há comunidades em que a velarização ainda acontece. Brod (2010) analisou um *corpus* de 8 informantes da comunidade de Santo Antônio de Lisboa, descendentes de portugueses, com 54% de semivocalização, 24% de apagamento e 12% de velarização. A autora atribui essa resistência da velarização no falar local à ascendência portuguesa dos moradores, ou seja, efeitos geracionais e possível influência linguística do português europeu podem afetar a aplicação da regra de semivocalização. Outra evidência importante do trabalho é que falantes com menos de 50 anos velarizam menos, sugerindo uma alteração em prol do falar das regiões mais urbanizadas da capital catarinense. Esses dados são reforçados pela análise do *corpus* de 1990 do VARSUL de Nedel e Quednau (2013) de Lages (SC), que mostram uma tendência da época para a semivocalização em 61% dos dados — a pesquisa também reporta um percentual de 20% para a variante alveolar e 11% para a velarizada, o que sugere que a dinâmica populacional de Lages na época (uma cidade que faz fronteira com o Rio Grande do Sul) pode ter influenciado na distribuição das variantes da lateral pós-vocálica.

A variante alveolar tem destaque maior em algumas comunidades do sudoeste do Paraná (Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos). Silva, Borghelott e Andrade (2020) analisaram dados de 24 informantes (8 de cada comunidade) e detectaram que a manutenção da lateral parece estar associada ao contato das regiões com falantes do espanhol e à ascendência alemã e italiana dos moradores — segundo os autores, a ascendência polonesa parece estar associada à maior semivocalização. Além disso, a região de Francisco Beltrão foi reanalisada por Borghelott, Silva e Brisolara (2025), replicando os resultados sobre a manutenção da lateral com dados de 14 informantes. Em síntese, as duas pesquisas mostram o efeito da ascendência

e do contato com falantes do espanhol, assim como a idade mais avançada, na manutenção dessa variante.

No Nordeste, por sua vez, a velarização é quase inexistente, e a semivocalização convive, na verdade, com o apagamento (mais frequente) e a aspiração (em algumas variedades). Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) estudaram *corpora* da Paraíba e identificaram 84% de uso da semivocalização, 15% de apagamento e 0,2% de aspiração (ex.: ‘a[h]tura’, para se referir a ‘altura’). Embora os autores não comentem sobre o efeito do contato — eles focam na debilidade da posição de coda —, é possível que a ausência de migrações mais recentes de populações europeias, junto com a ausência de contato linguístico fronteiro com falantes do espanhol, pode estar por trás da mudança linguística para não manter os traços consonantais do fonema /l/ nessa posição da sílaba. Essa hipótese ganha força com dados de comunidades urbanas da Bahia (Santos; Mota, 2020), em que a semivocalização (~80% de uso nas comunidades) convive com o apagamento (~15% de uso) e com a aspiração (~3%). Os autores atribuem essa distribuição ao fator da zona, pois falantes da zona rural tendem a aspirar e apagar o fonema /l/ em posição de coda. A aspiração, em específico, tem uma restrição adicional: ela só aparece em posição interna à palavra.

3.2 Português Falado em África

Esta seção tem a finalidade de descrever o fenômeno variável da lateral em coda silábica baseando-se em estudos que tratam de três variedades diferentes do português em África: a) o português urbano falado na ilha de São Tomé (Balduino, Freitas e Bandeira, 2025; Brandão, 2021); b) o português falado na ilha de Príncipe (Balduino, Vieira e Agostinho, 2023); e c) o português falado em Maputo, Moçambique (Brandão, 2021).

3.2.1 O panorama sócio-histórico de São Tomé e Príncipe e Moçambique

De acordo com Hagemeijer (2018), São Tomé e Príncipe é um país africano estabelecido em um arquipélago formado por duas ilhas principais, a ilha de São Tomé e a ilha de Príncipe, localizadas no Golfo da Guiné, cujo processo de nativização da língua portuguesa apresenta particularidades face aos diferentes estágios de colonização. A formação sócio-histórica dessas ilhas é definida por dois grandes períodos coloniais intrinsecamente ligados a ciclos econômicos específicos: o ciclo do açúcar no século XVI (1ª colonização) e o crescimento da economia através do café e do cacau nos séculos XIX e XX (2ª colonização).

Sobre a primeira colonização, Hagemeijer (2018, p. 171) aponta que o arquipélago foi encontrado por navegadores portugueses entre 1470 e 1471, sendo um território desabitado e posteriormente, a partir de 1493, colonizado por portugueses com o objetivo de estabelecer plantações de cana-de-açúcar. Contudo, a população inicial era diversa, incluindo franceses, espanhóis, genoveses, órfãos judeus, soldados, clérigos, mulheres livres e um número crescente de africanos escravizados trazidos do continente, o que acarretou a formação da língua de *Santome* ou *Forro* (*Lung wa Santome*), o crioulo mais falado até os dias de hoje, assim como o *Lung'le*, crioulo da ilha de Príncipe.

Posteriormente, o cultivo de açúcar entrou em declínio quando os plantadores se mudaram para o Brasil devido à melhor qualidade do açúcar produzido, às ameaças de outras nações europeias e aos ataques de escravos fugitivos ao sistema de plantação, dando início à segunda colonização. Segundo Hagemeijer (2018), a segunda colonização foi marcada pela revitalização da economia através do cultivo de café e de cacau por volta do século XIX. Entretanto, a abolição da escravatura, ocorrida nesse período, gerou uma crise de mão de obra, pois a população nativa, também chamada de Forro, se recusou a trabalhar nas plantações, como forma de preservar sua independência fora do sistema colonial, optando por viver em aldeias e florestas. Dessa forma, para suprir essa demanda, a coroa portuguesa promoveu a entrada massiva de trabalhadores contratados vindos de Angola, Moçambique e Cabo Verde, falantes de diferentes variedades linguísticas. Os descendentes desses trabalhadores, conhecidos como Tongas, viviam segregados dos Forros e adotaram o português como L2, a fim de se comunicar com os proprietários portugueses das plantações nas quais trabalhavam.

Após o período de independência de São Tomé e Príncipe em 1985, a língua portuguesa foi selecionada como a única língua oficial para manter a unidade nacional entre os diversos grupos que ocupavam o arquipélago. Nesse sentido, Hagemeijer (2018, p.177) pontua que o estabelecimento da língua colonial como língua oficial do território, assim como ocorreu em outras colônias, representa, para os nativos, o aumento da mobilidade social, uma vez que é a língua presente na educação formal, nos meios de comunicação e, por muito tempo, considerada a língua da elite. Por conseguinte, a nativização dessa variedade cresceu ao longo das décadas, enquanto os crioulos locais, que dominaram por séculos, passam por um período de declínio, sem a existência de políticas linguísticas sustentáveis para o seu benefício ou preservação, carregando um estigma que advém desde o período colonial.

Diferentemente de São Tomé e Príncipe, a colonização de Moçambique é marcada pela presença prolongada da coroa portuguesa no território, entretanto, as relações institucionais entre Portugal e o país africano aconteceram tardiamente, o que fez com que o local evoluísse

de um entreposto comercial para uma nação independente após longos conflitos civis. Chimbutane (2018) descreve o território como uma sociedade multicultural e multilíngue, na qual a língua portuguesa esteve em contato com mais de vinte línguas Bantu, sendo o primeiro contato do país com indivíduos portugueses em 1498, quando o navegador Vasco da Gama chegou à Ilha de Moçambique.

De acordo com o autor, durante o século XV e XVI, os portugueses priorizaram o comércio com a Índia e a colonização do Brasil, utilizando Moçambique apenas como fonte ouro, marfim e escravizados, exportando o ouro e o marfim para a Ásia e os escravizados para o Brasil. Desse modo, tendo em vista que as prioridades da coroa portuguesa não se concentravam nas colônias em territórios africanos, o país não era administrado diretamente por Lisboa, mas por Goa, integrando o grupo conhecido como Índia Portuguesa (Isaacman; Isaacman, 1983 *apud* Chimbutane, 2018, p. 91).

Posteriormente, no início do século XX, após intensas batalhas entre Portugal e as lideranças locais, acontece o processo de institucionalização entre ambos os territórios. Contudo, Chimbutane (2018) atesta que esse processo foi marcado por pressões internacionais decoloniais, instauradas após a Segunda Guerra Mundial, na qual Portugal precisou reconceitualizar suas colônias como parte do território português, chamando-as de províncias ultramarinas. Por conseguinte, a crescente insatisfação dos moçambicanos com as injustiças cometidas pelo governo português do Estado Novo, levou à emergência de um partido socialista e anti-imperialista, a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), corroborando ainda mais para o cenário conflituoso do país. Após dez anos de luta armada, Moçambique tornou-se independente em 1975, adotando um Estado Socialista de partido único sob orientação Marxista-Leninista.

Logo após a independência de Moçambique, a Frelimo declarou a língua portuguesa como única língua oficial do país, reafirmando a perspectiva ideológica de que a adoção da língua do colonizador deve ser usada a serviço da mudança social. Apesar dessa ideologia presente no estatuto do português como língua franca, Chimbutane (2018) pontua que pouco foi feito em favor das línguas africanas presentes no território, o que manteve o cenário de exclusão dessas línguas das esferas formais. Todavia, em meados de 1990, iniciou-se um processo de revitalização das línguas nativas, pautando-se na ideia de que o Estado deveria favorecer o uso e o desenvolvimento das línguas africanas na vida pública, através de seu uso em contextos formais, e na educação, através da criação de escolas bilíngues. Como resultado, o autor aponta que, embora tenha havido essa forte institucionalização da língua portuguesa, as

línguas Bantu influenciaram fortemente na emergência de uma nova variedade de português em Moçambique.

Face ao cenário apresentado, observa-se que a formação sócio-histórica de São Tomé e Príncipe e de Moçambique apresentam trajetórias distintas que influenciaram na relação entre os indivíduos e o português, corroborando para a formação de diferentes variedades e, conseqüentemente, para diferentes usos linguísticos, principalmente no que se refere à lateral em coda. Enquanto São Tomé e Príncipe foi povoado para servir como colônia de plantação, recebendo sujeitos de diferentes localidades do continente europeu e africano, Moçambique passou por um processo de colonização tardia, marcada pela exclusão das línguas nacionais, por revolta armada e pela conseqüente institucionalização da língua portuguesa como língua oficial. Essas são importantes informações para refletirmos e entendermos acerca da variação da lateral em coda silábica, que será descrita na seção seguinte, nas diferentes variedades africanas.

3.2.2 A lateral em coda nas variedades africanas

Os estudos sobre a lateral em posição de coda silábica nas três variedades do português em África selecionadas revelam que, apesar de terem como base o português europeu, as variedades apresentam divergências e convergências que podem ser observadas a partir dos condicionamentos linguísticos e sociais que atuam sobre as diferentes realizações da variável. Ao contrário do português brasileiro, no qual a variante semivocalizada [w] é a mais frequente de forma quase categórica, observa-se a maior frequência da consoante alveolar velarizada [ɫ] nas variedades africanas descritas.

Balduino, Freitas e Bandeira (2025) analisam os fatores linguísticos e sociais que atuam nos três processos distintos do português falado em São Tomé (doravante português santomense ou Português de São Tomé ou PST *cf.* op. cit.): a velarização, a semivocalização e o apagamento. Para as autoras, PST pode ser definido como uma macrovariedade urbana de língua portuguesa falada na cidade de São Tomé em contato diacrônico e sincrônico com o santome e o kabuwerdianu. Desse modo, a partir da análise de 552 ocorrências provenientes de 55 itens de fala obtidos na cidade de São Tomé no ano de 2019, a pesquisa elicitou dados de 06 participantes estratificados a partir de sexo (masculino e feminino), escolaridade (média e alta) e domínio de L2 (monolíngue, kabuverdianu e santome). No que se refere às variáveis estruturais, foram adotadas contexto fonológico precedente ([a, ɛ, ɔ, i, e, o, u]), tonicidade da sílaba (átona e tônica) e posição do segmento na palavra morfológica (final e medial).

Os resultados observam a maior realização da consoante velarizada (56% 309/552), seguida pelo apagamento (29% 160/552) e semivocalização (14% 77/552). Além disso, foram encontrados 03 dados de rotacismo (0.06% 3/552) provenientes da palavra vulcão [vur. 'kẽũ], o que, apesar de não estar claro se estas ocorrências foram produzidas por um mesmo falante, na nossa interpretação, pode indicar uma influência desse item lexical específico para a produção de [r]. Diante disso, as autoras não submeteram esses dados ao modelo de regressão, optando pela análise inferencial dos três casos mais frequentes.

No que se refere à análise do processo de velarização, os coeficientes do modelo de regressão apontam para as variáveis contexto precedente e tonicidade como favorecedoras desse processo ($p < 0.001$). Assim, as vogais médias caracterizadas pelo traço [coronal] favorecem o fenômeno, em especial, os segmentos [e] (P.R. 0,86) e [ɛ] (P.R. 0,73), ao passo que sílabas tônicas também favorecem a realização da consoante velar, fato que, de acordo com as autoras, remete à manutenção temporal da sílaba. Apesar de não selecionada pelo modelo, a variável domínio de L2 mostrou que a velarização é mais recorrente na fala de participantes monolíngues (62,5%), enquanto, entre os falantes de kabuverdianu e de santome, o índice de produção desse segmento é de 40% e 48%, respectivamente.

De igual modo, para o processo de semivocalização, as variáveis contexto precedente e tonicidade ($p < 0.001$) também foram relevantes, além da variável domínio de L2. Foi observado que, com exceção dos contextos precedentes [e] e [u], que bloqueiam de forma categórica a semivocalização, as demais vogais favorecem o fenômeno, assim como sílabas tônicas. A esse respeito, as autoras atribuem a não ocorrência de semivocalização diante de [u] à intervenção do Princípio do Contorno Obrigatório¹ (OCP) (McCarthy, 1986 *apud* Balduino, Freitas e Bandeira, 2025). Sobre o domínio de L2, a ocorrência da semivocalização foi favorecida por falantes bilíngues de português-kabuwerdianu (30%; P.R. 0,74), ao passo que falantes monolíngues de português a desfavoreceram (0,07%; P.R. 0,25).

Para o processo de apagamento, mais uma vez, atuam as variáveis contexto precedente e tonicidade ($p < 0,001$). Balduino, Freitas e Bandeira. (2025) observam que o apagamento foi mais recorrente em contexto átono (49% P.R. 0,71), reafirmando que a tonicidade é um fator que favorece a manutenção temporal da sílaba. Além disso, a vogal [u] favorece a ausência do segmento nessa variedade (66%, P.R. 0,98). De maneira análoga, o domínio de L2, embora não

¹ No quadro da Fonologia Autossegmental, o OCP atua como um filtro que penaliza sequências de traços fonológicos idênticos em posições contíguas. Dessa forma, caso ocorresse a semivocalização em contexto pré-[u], haveria o licenciamento indesejado de dois nós vocálicos adjacentes compartilhando os mesmos traços de recuo e labialidade, gerando uma configuração homorgânica que o sistema linguístico tende a bloquear.

selecionado pela regressão logística, contribui para a explicação dos maiores percentuais de apagamento nessa variedade (29%) em relação às demais variedades como o português brasileiro (entre 7% e 16%), por exemplo. Nesse sentido, é importante salientar que o contato linguístico é fundamental para se compreender o panorama linguístico da lateral em coda no PST. De acordo com Balduino, Freitas e Bandeira, (2025), o contato entre o forro (*santome*), língua que privilegia o padrão silábico consoante-vogal (CV) e não admite líquidas em coda, é um fator histórico determinante para o alto índice de apagamentos nessa variedade, consequentemente reforçando a tendência de simplificação da estrutura silábica das línguas africanas nativas.

Da mesma forma, o contato linguístico também é relevante para a variedade de português falada na Ilha de Príncipe. Segundo Balduino, Vieira e Agostinho (2023, p. 13), o “português principense” (doravante PP) é uma variedade descendente que inicialmente era adquirida como L2 e, posteriormente, transmitida e disseminada como L1, estando em contato com o kabuwerdianu e o Lung’le. Assim, adotando uma metodologia semelhante ao estudo anterior, as autoras analisaram o processo de semivocalização da lateral em coda nessa variedade observando apenas variáveis estruturais. O *corpus* contou com 587 ocorrências e 56 itens lexicais, todas realizadas por 06 falantes naturais da Ilha do Príncipe (três homens e três mulheres), filhos de pais também nascidos na ilha, tendo o português como língua materna (L1), embora falassem outras línguas locais em diferentes graus de proficiência. Para gerar o modelo de regressão, a variável resposta (dependente) foi agrupada como uma variável binária – lateral semivocalizada e lateral não semivocalizada – e os seguintes fatores estruturais foram testados: a) tonicidade da sílaba (átona e tônica); b) posição do segmento na palavra morfológica (final e medial); e c) contexto fonológico precedente ([a, ε, ɔ, i, e, o, u]).

Os resultados desse estudo mostram que a variante velarizada foi realizada em maior frequência absoluta (39,5%), seguida do apagamento (41,7%) e, por fim, da semivocalização (18,7%). Para as autoras, o fato de o apagamento ser mais recorrente que a semivocalização sugere que o sistema fonológico do PP tende a simplificar a sílaba CVC (consoante-vogal-consoante) em direção a um molde CV, em um processo de enfraquecimento silábico. No que se refere aos resultados do modelo estatístico, foi identificado que esse processo é favorecido por sílabas tônicas (23,4% de ocorrência; P.R. 0,63) em comparação às átonas (11,6%; P.R. 0,37) e que as vogais [a] e [ε] são as que mais favorecem a ocorrência da semivocalização (P.R. 0,99), ao passo que as vogais [e] e [u] o bloqueiam categoricamente. Do mesmo modo que o estudo sobre o PST das mesmas autoras, é justificada a não ocorrência de semivocalização diante de [u] por conta do OCP.

Ademais, conforme dito acima, apesar de não analisarem fatores de caráter social, Balduino, Vieira e Agostinho (2023, p. 13) propõem que a semivocalização e o apagamento da lateral no português principense resultam de uma confluência entre a tendência natural da língua e o contato linguístico. Nessa perspectiva, o contato entre o PP e *Lung'le* é o catalisador principal para que haja ambos os processos. Segundo as autoras, isso pode ser atribuído ao fato de a língua crioula não possuir lateral em coda, preferindo estruturas silábicas consoante-vogal (CV), acarretando um processo histórico de lenição consonantal. Dessa forma, o percurso histórico do *Lung'le*, no qual admite glides como /w/ em coda, rejeita a lateral /l/, o que reforça a transformação dessa consoante em um segmento com características vocálicas.

Relativamente ao português falado em Maputo, Moçambique, Brandão (2021) observa que a realização semivocalizada [w] é ligeiramente mais frequente do que em São Tomé, apesar de ser menos frequente que a alveolar [l] variante predominante nessa variedade. Através da análise de 35 entrevistas, 17 realizadas na cidade de São Tomé em 2009, pertencentes ao Projeto VAPOR da Universidade de Lisboa, e 18 em Maputo em 2016, pertencentes ao Corpus Moçambique (Viera; Pissurno, 2016), a autora estabelece uma comparação entre a lateral em coda nas variedades de São Tomé e Moçambique.

Para fins comparativos, os falantes foram estratificados igualmente: sexo (masculino e feminino), três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e 56-75 anos) e três níveis de escolaridade (fundamental: 5 a 8 anos; médio: 9 a 11 anos; superior) e foram construídas duas amostras, uma para coda interna e outra para coda externa. Contudo, a autora optou por analisar apenas fatores estruturais no modelo estatístico, uma vez que nem todos os falantes de ambas as amostras eram falantes de português como L1. Desse modo, os dados coletados foram submetidos à análise no programa estatístico GOLDVARB-X, sendo testadas as seguintes variáveis: contexto antecedente (vogal), modo e ponto de articulação da consoante subsequente, classe e dimensão do vocábulo, tonicidade da sílaba em que incide o segmento, natureza do segmento subsequente (vogal, pausa ou consoante, só no contexto final).

Feitas essas considerações, no português urbano falado em São Tomé, observou-se que a lateral velarizada é a mais recorrente. Considerando 751 dados, a análise do contexto interno apresentou a seguinte distribuição: velarizada [ɫ] 45,8%; alveolar [l] 37,9%; semivocalização [w] 11,7%; apagamento 3,9%; e outras variantes não especificadas 0,7%. Já o contexto externo, considerando 709 dados, se mostrou da seguinte forma: velarizada [ɫ] 44,6%; alveolar [l] 39,1%; semivocalização [w] 9,7%; apagamento 5,8%; e outras variantes não especificadas 0,5%. No que diz respeito aos fatores condicionantes de caráter linguístico, observou-se que semivocalização é favorecida pelas vogais recuadas [a] e [o] (P.R. 0,54, P.R. 0,59), como nas

palavras ‘qua[w]quer’ e ‘desenvo[w]ver’, além de se mostrar mais produtiva em sílabas pretônicas (P.R. 0,54) e, em contexto externo, quando o segmento é seguido por pausa. Seguindo a análise comparativa do estudo, no tocante ao português falado em Moçambique, observou-se que a variante mais frequente é a lateral alveolar. Desse modo, registram-se as seguintes frequências em coda interna com base em 1218 dados: alveolar [l] 41,3%; velarizada [ɭ] 36,0%; semivocalização [w] 20,2%; apagamento 2,4%; e outras variantes não especificadas 0,2%. A coda externa com base em 855 dados se distribui da seguinte forma: alveolar [l] 45,1%; velarizada [ɭ] 31,1%; semivocalização [w] 15,1%; apagamento 5,4%; e outras variantes não especificadas 3,2%. Acerca dos fatores estruturais, em coda interna, o processo é favorecido por consoantes subsequentes labiais e velares (P.R. 0,61, P.R. 0,54), como nas palavras ‘a[w]binos’ e ‘a[w]guma’ e pela posição pretônica (P.R. 0,55). Em coda externa, as vogais [u] e [ɔ] (P.R. 0,60, P.R. 0,86) são as que mais propiciam a semivocalização, além de sílabas postônicas (P.R. 0,63) e contextos seguidos de consoante surda (P.R. 0,58) ou pausa (P.R. 0,55). Além dos fatores descritos, Brandão (2021) aponta que o uso das variantes é influenciado pelo fato de o português ser a primeira ou segunda língua do falante. Nesse sentido, falantes de português como língua materna usam preferencialmente a lateral velarizada e apresentam taxas de semivocalização mais altas, ao passo que falantes de português como L2 utilizam majoritariamente a variante alveolar.

Em suma, a análise das variedades mostrou que, de forma semelhante, as variedades analisadas distanciam-se da semivocalização quase categórica do português brasileiro e sofrem forte influência do status de aquisição da língua. Do ponto de vista estrutural, tanto o PST quanto o PP assemelham-se ao bloquearem a variante semivocalizada diante da vogal [u], por ação do OCP, e convergem nos expressivos índices de apagamento do segmento, fator atribuído pelas autoras à tendência de simplificação para o molde silábico consoante-vogal (CV) presente nos crioulos de contato locais. Por outro lado, as divergências evidenciam-se, sobretudo, na escolha da variante predominante para cada variedade e nas taxas de retenção da consoante. Enquanto em São Tomé e na Ilha do Príncipe há a prevalência da lateral velarizada [ɭ] aliada ao forte apagamento, a variedade moçambicana destoa ao apresentar a lateral alveolar [l] como a realização majoritária. Além disso, Moçambique exhibe índices de apagamento mais baixos, uma manutenção do segmento que é sustentada pelas particularidades de sua própria formação sócio-histórica, guiada tanto pela influência das línguas Bantu quanto pelo peso da norma escolar europeia institucionalizada.

Diante do exposto, entende-se que os contextos sócio-históricos responsáveis tanto pela formação da sociedade presente nos diferentes países africanos, quanto pelo contato linguístico

entre o português e as variedades dessas nações foram responsáveis pelo desenvolvimento de variedades de língua portuguesa com ecologias próprias, ao menos, ao considerarmos a variação da lateral em coda. Assim, diferentemente do português brasileiro no qual a realização semivocalizada é quase categórica e o português europeu no qual a variante velarizada é a mais frequente, ainda que sejam variedades de língua portuguesa em território africano, em São Tomé e Príncipe, o contato com crioulos parece impulsionar o apagamento da lateral. Em contrapartida, em Moçambique, a influência das línguas Bantu e da norma europeia escolar institucionalizada mantêm o segmento presente, variando entre a realização alveolar, a mais frequente, e a velarizada.

3.3 Português Europeu

Tradicionalmente, a realização padrão do fonema /l/ em posição de coda silábica no português europeu (doravante PE) é descrita como uma lateral velarizada [ɫ]. Essa configuração costuma sustentar uma visão dicotômica clássica nos estudos linguísticos comparativos entre as duas variedades, visto que tende a contrapor a tendência à semivocalização, muito presente nos diferentes dialetos do português do Brasil (doravante PB). No entanto, análises baseadas em dados de fala espontânea revelam que o sistema fonológico do PE não é um bloco dialetal totalmente homogêneo.

Leite, Callou e Moraes (2007) destacam, com base em uma amostra do *corpus* CRPC-Lisboa, que a lateral em final de sílaba no português europeu transita por múltiplas realizações que vão além da velarização. A análise variacionista, que mobilizou um total de 295 dados, divididos entre 155 ocorrências da fala culta e 140 da fala popular, constatou a presença de variantes alveolares (como em fa[l]ta); o zero fonético após a vogal alta posterior [u] (como em *azu[ø]*) e a variante vocalizada [w] (como em a[w]deia). Na modalidade culta de Lisboa, a lateral vocalizada registrou uma frequência em torno de 18% e um peso relativo de 0,19, ao passo que na modalidade popular o índice de uso ficou em 17%.

Os dados revelam que essa variação responde a restrições segmentais e estruturais bastante específicas dentro do sistema do PE. Na fala culta, a aplicação da regra é condicionada por três grupos de fatores selecionados estatisticamente: o tipo de vogal antecedente, a posição da sílaba no vocábulo e o tipo de consoante subsequente. Assim, a emergência da semivogal [w] atua sob estritos condicionamentos da rima silábica, sendo favorecida quando o /l/ vem precedido pelas vogais [a] (gerando formas como a[w]deia e ca[w]ça) ou [u] (resu[w]tado), bem como quando se encontra imediatamente antes de uma consoante oclusiva alveolar ou

fricativa labial. Já para a modalidade popular, o comportamento da regra revelou-se sensível a dois grupos específicos de fatores: a vogal antecedente e o contexto. Quanto à distribuição estrutural do fonema no território português, a semivocalização assume uma dinâmica marcadamente interna, concentrando 87% das ocorrências na coda interna (medial) contra uma presença de apenas 13% na coda externa.

Esses resultados indicam que, no PE, a semivocalização atua como uma regra de baixa frequência e de aplicação restrita, altamente dependente dos ambientes fonéticos citados. Apesar disso, o estudo recupera que o fenômeno possui registros dialetais antigos localizados na região do Minho, em que formas populares como *caurdo*, *aurdeia* e *aurgudão* já haviam sido documentadas na literatura filológica. Os autores defendem, portanto, que o fenômeno no português europeu não deve ser tratado como inexistente, mas sim como uma regra de origem restrita dialetal popular, que não recebe menção sistemática na literatura tradicional justamente por sua frequência reduzida.

3.4 Contrastando variedades: como se comporta a lateral em coda

A partir da síntese dos dados apresentados nas seções anteriores, pode-se depreender que a realização do fonema /l/ em posição de coda silábica não se manifesta de forma homogênea no espaço lusófono, caracterizando-se por distintas tendências e estágios variados de mudança, impulsionado por diferentes dinâmicas estruturais e sócio-históricas. Em linhas gerais, observa-se a coexistência de três grandes tendências de realização: a manutenção do traço consonantal (seja na variante alveolar ou velarizada), o enfraquecimento via semivocalização e a simplificação silábica por meio do apagamento. O Português Brasileiro afigura-se como a variedade em estágio mais avançado da mudança, apresentando a semivocalização como uma escolha quase categórica nas zonas urbanas e capitais (alcançando marcas em torno de 88%), reservando-se a retenção da variante velarizada predominantemente a comunidades específicas da Região Sul do país. Em contrapartida, no Português Europeu, a despeito de uma prevalência tradicional da lateral velarizada, os dados de fala parecem sugerir que o sistema não é totalmente uniforme, revelando a presença discreta da semivocalização (em torno de 17% a 18%) como uma regra restrita de origem dialetal popular. As variedades africanas analisadas, por sua vez, parecem trilhar caminhos alternativos que não coincidem estritamente nem com o padrão brasileiro nem com o europeu: enquanto em Maputo (Moçambique) registra-se uma preferência expressiva pela variante alveolar (variando entre 41% e 45%), nas variedades insulares de São Tomé e de Príncipe, a variante velarizada convive

com taxas significativamente altas de apagamento (29% no Português de São Tomé e 41,7% no Português Principense), situando-se a semivocalização em patamares secundários.

Sob a perspectiva dos condicionamentos estruturais e fonéticos, os estudos parecem indicar que os fatores de estruturação silábica e contexto vocálico exercem pressões diferenciadas sobre a variável dependendo da comunidade analisada. No Português Brasileiro, as vogais antecedentes anteriores aparentam favorecer a semivocalização, enquanto as posteriores parecem desfavorecê-la, com destaque para a vogal [u], que tende a direcionar para a velarização ou para o apagamento. Por sua vez, no Português Europeu, a aplicação restrita da semivocalização surge precisamente em contextos precedidos pelas vogais [a] e [u].

Em contrapartida, nas variedades de São Tomé e de Príncipe, as vogais [u] e [e] atuam como bloqueadores categóricos da semivocalização — o que as pesquisas atribuem à hipotética atuação do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) para evitar a adjacência de traços idênticos —, sendo um ambiente altamente propício ao apagamento do segmento. No que tange à posição do fonema na palavra, as duas variedades (PB e PE) apresentam maior favorecimento da semivocalização na posição interna da palavra (em vez do final), embora haja divergências em algumas pesquisas do PB. Ademais, especificamente em Maputo, a semivocalização na coda interna aparenta ser favorecida pelo ponto de articulação labial e velar das consoantes subsequentes (como em a[w]binos e a[w]guma), revelando condicionamentos de coarticulação específicos dessa variedade. Quanto à tonicidade, no PST, a sílaba tônica atua no favorecimento da variante velar [ɫ] (o que as autoras associam à manutenção temporal do segmento), ao passo que, no PP, a posição tônica surge como o ambiente propício para a aplicação da semivocalização. Em Maputo, por seu turno, o processo de semivocalização aparenta ser impulsionado pelas posições pretônica (em coda interna) e postônica (em coda externa). Já o contexto átono, de modo geral, parece convergir para o apagamento tanto no PST quanto em amostras do português brasileiro.

Por fim, no que se refere aos condicionamentos sócio-históricos e de contato linguístico, as investigações apontam para um papel decisivo dessas forças externas na aceleração ou retardo das variantes em cada região. A manutenção dos traços consonantais aparenta estar associada à presença de colonização europeia específica, pela proximidade fronteiriça com o espanhol (como observado em comunidades do Sul do Brasil) ou pelo estatuto do português como segunda língua em contato com línguas Bantu e mediado pela instrução escolar (como no caso de Moçambique). Em sentido inverso, nas variedades de São Tomé e Príncipe, o contato histórico e sincrônico com crioulos locais de base lexical portuguesa (como o *Santome* e o *Lung'le*) — línguas que privilegiam o padrão silábico Consoante-Vogal (CV) — afigura-se

como o catalisador central para o elevado índice de apagamento, impulsionando a simplificação da estrutura silábica.

Desse modo, o mapeamento contrastivo evidencia que a variação da lateral em coda responde a um conjunto complexo de condicionamentos estruturais, sociodemográficos e históricos no espaço lusófono. É a partir da síntese desse panorama e do reconhecimento dos alcances e limites da literatura analisada que se estruturam as reflexões a seguir.

3. Considerações finais

A presente revisão sistemática buscou mapear o panorama sociolinguístico da variação do fonema /l/ em posição de coda silábica em diferentes variedades do português, lançando luz sobre o papel exercido tanto pelos condicionamentos estruturais quanto pelas dinâmicas sócio-históricas e de contato linguístico. A síntese dos trabalhos selecionados permitiu constatar que a debilidade da posição de coda se desdobra em percursos fonológicos distintos em cada sistema, transitando entre a manutenção dos traços consonantais (alveolar ou velarizado), a gradação à semivocalização e a simplificação da sílaba via apagamento.

Entretanto, a interpretação desses achados requer cautela diante de limitações metodológicas identificadas ao longo da literatura analisada. A principal barreira para uma generalização mais ampla reside na ausência de uniformidade nos critérios de amostragem e nas metodologias de pesquisa empregadas pelos diferentes autores. Os *corpora* investigados revelam uma acentuada assimetria no número de participantes, bem como na natureza do estilo de fala analisado, que oscila entre diálogos espontâneos e tarefas formais de nomeação de imagens. Adicionalmente, a heterogeneidade no agrupamento das variáveis dependentes e independentes nos modelos estatísticos limita a possibilidade de realizar comparações quantitativas diretas entre os trabalhos, o que propiciaria a realização de uma metanálise.

Soma-se a esse cenário de assimetria a disparidade no volume de pesquisas disponíveis para cada variedade da língua. Observou-se uma concentração volumosa de investigações voltadas para o português brasileiro, em contraste com a escassez de trabalhos sociolinguísticos contemporâneos sobre o português europeu e, sobretudo, com a carência de estudos focados nas variedades em África. Embora as pesquisas existentes sobre São Tomé, Príncipe e Maputo forneçam pistas valiosas sobre a atuação de reestruturações crioulas e de línguas de substrato Bantu, destaca-se a ausência de investigações empíricas sobre o comportamento da lateral em coda em outras variedades do português falado em África.

A realização de pesquisas futuras que contemplem outros territórios em África mostra-se fundamental, uma vez que a ampliação desses dados permitiria efetuar uma comparação contrastiva mais refinada e abrangente entre os sistemas. Em suma, apesar das limitações impostas, esta revisão contribui para sistematizar o conhecimento científico sobre a variação da lateral em coda e evidencia a necessidade de investigações futuras que adotem desenhos amostrais padronizados, avançando na compreensão dos processos de variação e mudança no espaço lusófono.

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Nenhum roteiro da Equator Network mostrou-se significativamente relevante para o trabalho. A pesquisa não foi pré-registrada em um repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

Fontes de Financiamento

Nenhum financiamento foi recebido para a realização deste trabalho.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial

Não foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial para a construção desta pesquisa de revisão, apenas sugestores de edição de texto automático durante a escrita do artigo, a fim de evitar incorreções de escrita. Mesmo assim, esteve a cargo dos autores aceitar ou não as sugestões da ferramenta, e o conteúdo final do texto é nossa responsabilidade.

Declaração de Contribuição de Autoria

Ana Clara Orrico Carvalho: Conceitualização, Investigação, Sistematização da variedade do Português Europeu, Escrita – manuscrito original, Escrita – revisão e edição. Gabriel Magalhães da Silva Gregório: Conceitualização, Investigação, Sistematização das variedades africanas, Escrita- manuscrito original, Escrita – revisão e edição. Pedro Henrique Sousa dos Santos: Conceitualização, Metodologia, Análise Formal, Investigação, Escrita – manuscrito original, Escrita – revisão e edição.

Referências

- BALDUINO, A. M.; FREITAS, S.; BANDEIRA, M. A lateral em coda no português urbano falado em São Tomé: velarização, vocalização, apagamento e contato linguístico. **Revista DELTA**, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202541263881>.
- BALDUINO, A. M. ; VIEIRA, N. M. T. ; AGOSTINHO, A. L. Vocalização de coda lateral no português principense (PP). In: HORA, D.; HELMER, A. (org.). Interseções linguísticas: estudos diversos. São Paulo: Líquido Editorial, 2023. p. 12–25.
- BARBOSA, P.; MADUREIRA, S. **Manual de Fonética Experimental: aplicações à língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2015.
- BATTISTI, E.; MORAIS, V. T. A vocalização da consoante lateral em coda silábica em uma variedade de português brasileiro: análise sociolinguística em tempo real. **Gragoatá**, n. 40, p. 90–112, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v21i40.33376>.
- BORGHELLOT, E. R.; BRISOLARA, S. M.; L. B. Preservação da lateral pós-vocálica no sudoeste do Paraná. **Revista do GEL**, v. 22, n. 2, p. 14–38, 2025. DOI: <https://doi.org/10.21165/gel.v22i2.3996>.
- BRANDÃO, S. F. ; Vocalização da lateral em coda silábica em duas variedades do português. **Laborhistórico**. 2021. ISSN 2359-6910. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7i2.39998>.
- BROD, L. E. M. Reflexões sobre a lateral posvocálica na fala da comunidade de Santo Antônio de Lisboa. **Work. pap. linguíst.**, v. 11, n. esp., p. 20–32, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2010v11nespp20>.
- CHIMBUTANE, F. Portuguese and African languages in Mozambique: a sociolinguistic approach. In: In: LÓPEZ, L.A.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J.O. (eds.). The Portuguese Language continuum in Africa and Brazil. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 89-110.
- HAGEMEIJER, T. From creoles to portuguese: language shift in São Tomé and Príncipe. In: LÓPEZ, L.A.; GONÇALVES, P.; AVELAR, J.O. (eds.). The Portuguese Language continuum in Africa and Brazil. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 175-184
- HORA, D.; PEDROSA, J. L. R.; CARDOSO, W. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente? Letras de

Hoje, v. 45, n. 1, p. 71–79, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/6860>. Acesso em: 20 jun. 2026.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
LEITE, Y.; CALLOU, D.; MORAES, J. O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 22., 2007, Lisboa. **Actas...** Lisboa: APL, 2007.

NEDEL, E. L.; QUEDNAU, L. R. A lateral pós-vocálica em Lages (SC): análise variacionista. **Letrônica**, v. 6, n. 1, p. 122–144, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17672>. Acesso em: 7 ago. 2026.

PINHO, A. J.; MARGOTTI, F. W. A variação da lateral posvocálica /l/ no português do Brasil. **Work. pap. linguíst.**, n. 2, p. 67–88, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2010v11n2p67>.

QUEDNAU, L. R. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho**: análise variacionista e representação não-linear. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1443>. Acesso em: 5 jun. 2026.

SANTOS, R. C.; MOTA, J. A. Variação diatópica do /l/ pós-vocálico em comunidades baianas. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 10, n. 30, abr. 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/sociodialeto/article/view/8001>. Acesso em: 20 jun. 2026.

SANTOS, S. S.; SILVA NETO, J. M. A lateral posvocálica no Rio Grande do Sul. **Claraboia**, v. 12, p. 7–27, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/175>. Acesso em : 7 jun. 2026.

SCHUCHARDT, H. Baissac, Etude sur le patois créole meuricien. In: GRÖBER, G. **Zeitschrift für romanische Philologie**, v. 5. Halle: Max Niemeyer, 1881. p. 580–581.

SILVA, T. C. *et al.* **Fonética Acústica: os sons no português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, S. M.; BORGHELOTT, E. R.; ANDRADE, V. A pronúncia da lateral /l/ no Sudoeste do estado do Paraná. **Entrepalavras**, v. 10, n. 1, 2020, p. 59–76. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11753>.

SUN, Y.; POEPPPEL, D. Syllables and their beginnings have a special role in the mental lexicon. **PNAS**, v. 120, n. 36, 2023. DOI: <https://www.pnas.org/doi/epdf/10.1073/pnas.2215710120>.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165–189, jan./abr. 2014. DOI: <https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08>.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.